

Programa de Prevenção às Drogas: uma Trajetória

Área Temática de Saúde

Resumo

Prevenção às drogas é tudo aquilo que possa ser realizado para, reduzir ou minimizar o uso de drogas e os prejuízos relacionados a elas. Conscientes da magnitude do problema e que esta é uma realidade que atinge os mais diversos setores da sociedade, principalmente a classe estudantil, o Unileste-MG, implanta um programa de prevenção às drogas, para seus discentes e funcionários em geral. O estudo tem como objetivo relatar a trajetória de implantação do programa e as ações realizadas para a sua efetivação. Como primeira ação realizou-se um diagnóstico da representação das drogas lícitas e ilícitas entre os discentes. A pesquisa revelou que a droga entre os estudantes é uma realidade e o contato desses jovens com os agentes que a induzem é praticamente inevitável, portanto a única maneira de não deixar a situação se agravar é a prevenção como princípio básico, desenvolvendo nestes alunos valores, e habilidades que lhes permitam se defenderem com a conscientização do conhecimento adquirido e do auto-respeito pela vida. Para que essa premissa atinja a população alvo, é preciso que as mensagens e as formas de intervenção sejam múltiplas, complementares e contínuas, embora sendo a meta final a mesma - prevenir o uso das drogas.

Autores:

Chaquib Raydan – Mestrado em Educação Médica

Florisbela Pires Sampaio Raydan – Mestrado em Educação Física, Saúde e Qualidade de Vida

João Paulo P. P. Pereira – Especialista em Biologia

Pe. Geraldo Ildeo Franco – Teólogo

Rosângela Avelino Segundo – Especialista em Língua Portuguesa

Instituição

Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – UNILESTE-MG

Palavras-chave: drogas; prevenção; escola

Introdução e objetivo

O presente estudo tem como objetivo relatar a trajetória de implantação de um programa de prevenção às drogas, e ainda, as ações realizadas para a efetivação desse programa.

Prevenção às drogas é tudo aquilo que possa ser realizado para, efetivamente, impedir, retardar, reduzir ou minimizar o uso de drogas e os prejuízos relacionados (TANAKA e ANDRADE, 2002). Essas medidas têm que ser assumidas pelos diversos setores que compõem uma sociedade, pois as pesquisas comprovam que o crescente consumo de drogas tornou-se um dos problemas mais graves da civilização contemporânea, e a cada dia aumenta assustadoramente o número de pessoas dependentes.

Sendo assim, a amplitude e a gravidade dos problemas relacionados às drogas vêm exigindo de toda a sociedade estratégias que possam diminuir o uso das drogas pela população em geral.

No Brasil, a certificação desse fato se dá, através da análise dos recursos financeiros destinados aos Ministérios. Enquanto o Ministério do Esporte e Turismo recebeu do Governo Federal uma verba de US\$ 4,6 milhões para suas ações em 2001, o Ministério da Saúde

gastou, neste mesmo período US\$ 104 milhões em internações de dependentes químicos (SENAD,2002)

Segundo dados do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID, entre os anos de 1998 e 1999, houve 726.000 internações por abuso no uso de drogas, em hospitais e clínicas brasileiras (ARNT, 2001).

A situação do consumo de drogas no Brasil diagnosticada pelo I Levantamento Domiciliar sobre o uso de Drogas Psicotrópicas, justifica os recursos financeiros gasto pelo Governo Federal.

Os resultados revelaram que 11,2% da população são dependentes do álcool e 9% são dependentes do tabaco. Para as drogas ilícitas, os resultados apontaram que 6,9% da população pesquisada já fizeram uso de maconha e 5,8% de solventes. A pesquisa foi solicitada pela Secretaria Nacional Antidrogas e foi realizada pelos pesquisadores do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID, em 107 cidades brasileiras com mais de 200 mil habitantes (CARLINE et al, 2002).

Há um aumento indiscriminado do consumo de álcool em todas as classes sociais, faixas etárias e gênero. As estatísticas mostram que dezoito em cada 100 brasileiros adultos são dependentes de álcool, 75% dos acidentes fatais de trânsito são associados ao uso excessivo de álcool (em torno de 29 mil mortes por ano) e cerca de 40% das ocorrências policiais relacionam-se ao abuso de álcool. E ainda, que o alto índice de absenteísmo nas empresas acarretam grande prejuízo financeiro, a inegável associação de crimes bárbaros e violentos, a agressividade nos lares com destruição das células familiares, quebrando a estrutura financeira, emocional ética e moral (HOSPITAL SÍRIO LIBANES –SP, 2004)

A mesma fonte informa que das 5700 mortes violentas ocorridas em São Paulo em 1996, 48% apresentavam excesso de álcool no sangue, assim como em 64% das mortes por afogamento, 52% dos homicídios, 36% das quedas fatais, e em 36% dos suicídios.

As conseqüências dessa realidade são mais alarmantes, quando relacionados com os dados estatísticos da AIDS. No Brasil, cerca de 25% dos casos desta patologia, estão relacionados ao uso de drogas injetáveis, informa o Ministério da Saúde. Em 1985 este número representava 2,7% do total, passando para 18,2% em 1990 (MINISTÉRIO DA SAÚDE- PROGRAMA DE SAÚDE MENTAL, 2000).

Estudos realizados pelo CEBRID apontam em direção ao consumo das drogas, cada vez mais precocemente. Estes dados foram revelados por uma pesquisa realizada entre estudantes do ensino fundamental e médio de 10 capitais brasileiras. Esses afirmaram que fizeram uso de álcool (51,2%), e iniciaram no cigarro/ tabaco (11,0%) com idade entre 12 e 13 anos (MINISTÉRIO DA SAÚDE PROGRAMA DE SAÚDE MENTAL, 2000).

Estudos vêm demonstrando diferentes fatores para o uso de drogas entre os jovens. Segundo o psiquiatra Içami Tiba, é na adolescência, quando o jovem se sente descompromissado com a vida e na ânsia da busca do prazer e da liberdade, associado à curiosidade, encontra-se no terreno fértil para o consumo das drogas E quando associada às características da personalidade, ansiedade angustia, dificuldades para lidar com problemas, baixa auto-estima e insegurança aumenta ainda mais, a vulnerabilidade das drogas (ARATANGY, 1999).

Pesquisas elaboradas por GOU (2000), publicados no Journal of Studies on Alcohol, comprovaram que a manifestação de dependência das drogas entre jovens e adultos é resultado de trajetórias que se iniciaram precocemente, na maioria dos casos investigados. Vários estudos americanos já comprovaram que existe uma seqüência típica do uso das drogas entre os jovens, na qual se iniciam com as drogas lícitas (álcool e/ ou tabaco) e progredem para as drogas ilícitas (GOLUBET et al, 2001).

O consumo de drogas deve ser tratado, fundamentalmente, como problema de saúde pública, sendo importante a identificação precoce, o encaminhamento adequado e,

principalmente, a multiplicação de ações preventivas. Diante dessa realidade, a multiplicação de ações preventivas. Diante dessa realidade, é preciso investir na prevenção, porque as conseqüências do abuso e da dependência das drogas acarretam ônus sociais alarmantes.

Conscientes da magnitude do problema e que esta é uma realidade que atinge os mais diversos setores da sociedade, principalmente a classe estudantil, o Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, Unileste-MG, busca implantar um programa de prevenção às drogas, para seus discentes e funcionários em geral.

Para tanto foi designado um grupo de trabalho para definir as estratégias de implementação das ações do referido programa em nível de prevenção primária, secundária e terciária.

Inicialmente a proposta apresentou-se como um desafio a todos da comissão, pois seus membros até então não possuíam conhecimentos sobre a temática, a não ser o de domínio do senso comum.

Para vencer este obstáculo, a comissão buscou participar de congressos, seminários e outros eventos e, a partir daí, descobriu que não existia modelo predefinido para o desenvolvimento de um programa de prevenção ao uso das drogas, e sim, algumas diretrizes que eram consideradas ineficazes pela Organização Mundial de Saúde, pois eram programas meramente informativos, paternalistas, medicalizados e descontextualizados com a realidade da população alvo (ANDRADE & BASSIT, 1995).

A partir do contexto apresentado, a comissão conclui que, na implantação de um programa preventivo de qualquer instância, é necessário primeiro conhecer as condições existentes do meio e, principalmente, as características da população abordada, possibilitando uma abordagem racional da situação que se deseja enfrentar.

Metodologia

Para a implantação dos programas optou-se por fazer um diagnóstico da representação das drogas lícitas e ilícitas entre os discentes do ensino fundamental e médio dos colégios mantido pela Instituição.

Foi elaborado um instrumento, pela comissão, para diagnosticar a representação das drogas, com a orientação de um psicólogo, assistente social e um estatístico.

Foi realizado com a direção, coordenação e professores, uma oficina referente à prevenção às drogas, com o objetivo de conscientizá-los da necessidade de um envolvimento efetivo com as medidas propostas pela comissão: avaliação do instrumento proposto e aplicação deste aos alunos.

O instrumento foi avaliado por um grupo de estudantes, com objetivos de aproximar a linguagem e a abordagem tratada no mesmo.

Após as devidas alterações solicitadas, o questionário foi aplicado aos professores, buscando verificar as dúvidas e unificar as orientações a serem passadas aos alunos.

A pesquisa foi realizada no mesmo dia e horário para todas as turmas do ensino médio e a partir da 5ª série do ensino fundamental. Participaram da pesquisa 961 alunos, de ambos os gêneros.

Em relação à metodologia do trabalho de intervenção optou-se pelo modelo do estilo de vida saudável. A estratégia do referido modelo, estar pautada em promover à boa saúde. Assim, as ações buscarão orientar para não fazer uso de drogas, a ter uma alimentação balanceada, fazer o controle do peso, das taxas de colesterol e da pressão arterial, praticar exercícios físicos regulares, e atividades do lazer saudável, não buscar ambientes poluídos, praticar atividades que não promovam o estresse patológico, primar por vida sexual segura, aprender a enfrentar condições ou situações adversas e outros.

Trata-se de um modelo que busca consolidar a construção de hábitos de vida saudáveis contribuindo para o estabelecimento de relações mais solidárias, participando da construção

de ações que incidam positivamente na própria saúde e na de todos e, sobretudo, ser capaz de lidar como as adversidades do mundo de forma positiva.

Resultados e discussão

A análise dos resultados permitiu concluir que a primeira experiência com bebidas alcoólicas dos alunos do ensino fundamental foi em torno de 11 anos, e no ensino médio 13,3 anos. Dos alunos entrevistados, 24,0% do ensino fundamental e 60,05% do ensino médio tinham um contato pelo menos eventual com a bebida. Os resultados encontrados não diferem da realidade brasileira.

Em relação aos familiares, no ensino fundamental 92,4% consomem álcool, sendo que 12,9% destes consomem com frequência. Para o ensino médio, os resultados apontaram que 86,9% consomem álcool, sendo 12,6% com frequência. Sendo o uso do álcool legalizado e aceito durante a vida adulta, crianças e adolescentes estão constantemente expostos às normas sociais de aceitação do seu consumo. Assim a clara expressão ou omissão dos pais em relação ao consumo de álcool por crianças e adolescentes, se torna muito importante para estabelecer padrões de comportamentos futuros.

Numa situação mais agravante como foram expostos na pergunta - Ao ver um amigo se drogando com drogas ilícitas qual seria a sua reação? No ensino fundamental, 31,4% apontaram que se afastariam, não interfeririam por não ser da sua conta; 34,0% tentaria impedi-lo de continuar; 25,7% buscariam ajuda; 21,3% não fariam nenhuma interferência por não saberem o que fazer. No ensino médio 37,3% se afastariam, não interferiria, pois não é da sua conta; 23,5% tentariam impedi-lo de continuar; 8,9% buscariam ajuda; 33,6% não interfeririam por não saberem o que fazer.

Estes resultados podem estar revelando à escola a necessidade de uma abordagem mais ampla da temática pesquisada, buscando apropriar estes alunos de subsídios para a auto prevenção. Sendo assim é papel da escola, fornecer informações sobre drogas de modo científico e imparcial, dosando-as a cada faixa etária. A partir do conhecimento adquirido os jovens poderão ter elementos para tomar decisões saudáveis sobre a vida, incluindo aí a não presença das drogas em suas vidas.

Quanto às drogas ilícitas, no ensino fundamental, 41,7% dos entrevistados afirmaram já ter visto um conhecido se drogando, enquanto no ensino médio 70,7% já passaram por esta experiência.

Quando indagados se já ficaram tentados a usar algum tipo de droga ilícita, 11,3% no ensino fundamental e 51,9% no ensino médio, apontaram que já ficaram tentados a usarem.

Foi perguntado aos entrevistados se algum usuário lhe oferecesse drogas (ilícitas) se aceitariam? Afirmaram que sim 1,04% dos entrevistados do ensino fundamental, 3,86% no ensino médio.

Numa análise geral os resultados apresentados revelaram que entre os estudantes entrevistados a droga era uma realidade e o contato desses jovens com os agentes que a induziam é praticamente inevitável, pois o hábito a princípio está contido na própria família.

A partir dessa realidade, concluiu-se que o programa preventivo teria que adotar medidas primárias que é a intervenção junto à população antes do primeiro contato com as drogas, seu objetivo é impedir ou retardar o início do consumo de drogas. E a prevenção secundária, que é a intervenção que ocorre após o contato com a droga, tem como seu objetivo evitar a progressão do consumo e minimizando os prejuízos relacionados ao uso (TANAKA & ANDRADE, 2002).

Partindo do princípio que a família constitui o fator de maior importância no combate às drogas, é preciso haver a conscientização de que a prevenção se inicia na mais tenra idade e, são através das atitudes, hábitos familiares e principalmente de modelos indetificatórios que se dá essa prevenção. E a partir dos resultados, onde na família tem um alto percentual de

uso, principal do álcool. O programa teve início através da realização de um seminário intitulado PREVENÇÃO ÀS DROGAS: UM ATO DE PARCERIA DA ESCOLA E FAMÍLIA.

O evento teve a participação de uma representante do Ministério da Saúde, que abordou a prevenção às drogas como um ato de conscientização dos direitos e deveres do ser humano perante a vida com qualidade. Foi ofertada também, nessa programação uma oficina aos professores, pais e representantes da comunidade envolvida nas questões preventivas.

Esse seminário norteou as diretrizes das primeiras ações preventivas. Essas deveriam envolver a família e todos os segmentos da instituição, desde os administradores se estendendo até aos funcionários dos serviços gerais e vigilância.

Segundo Tanaka & Andrade (2002), a efetivação de um programa vai depender da sua abrangência, da qualidade e principalmente da constância das ações realizadas. E ainda, essas ações devem estar inseridas num contexto maior, isto é, numa política onde todos da instituição se tornem parceiros positivos do programa.

Ainda segundo os autores referenciados as intervenções devem ser múltiplas e complementares e devem abranger os três níveis de prevenção: primária, secundária e a terciária. Se na instituição não houver condições de fornecer tratamento deve-se ao menos saber identificar os casos que deles necessitam e providenciar o devido suporte.

Para atender a prevenção terciária foi elaborado um levantamento de todas as clínicas de tratamento e recuperação da região, com endereços e linhas de atuação. Esses são disponibilizados à população alvo.

Outro fato relevante para o sucesso de um programa preventivo é o envolvimento de toda equipe, professores, coordenadores administradores, alunos e família.

Sendo assim para atingir essas diretrizes vêm sendo realizadas:

- Palestras e oficinas, em momento, público e assunto distinto, abordando a temática no ponto de vista comportamental, orgânico e as diversas leis vigentes;

- Capacitação a todos os funcionários da Instituição dos serviços gerais e vigilância para tornarem parceiros positivos do programa. A capacitação teve como objetivo, apropriá-los de argumentação lógica e coerente, ao invés de argumentações emocionais, própria da carência do conhecimento específico, em relação ao assunto.

- Oferta de serviços de atendimento psicológico aos interessados (alunos, familiares e funcionários);

- O envolvimento da família na prevenção e no trabalho de promoção à saúde é fundamental, sendo assim, vem sendo ofertado aos pais palestras, oficinas abordando a temática de forma ampla, não focalizando apenas a questão das drogas, mas sim, a promoção de um estilo de vida saudável;

- Oferta de palestra aos alunos e público interessado, abordando os efeitos neurofisiológicos do uso abusivo das drogas no organismo;

- Realização de projetos sociais, envolvendo professores, alunos, familiares e comunidade;

- Montagem de um vídeo abordando a temática através de diversos ângulos;

- Criação de um grupo de apoio, formado por alunos voluntários, pois políticas preventivas implementadas com a participação dos atores sociais são mais eficazes que aquela imposta de cima para baixo;

- Trabalhos interdisciplinares em sala de aula, através da leitura de livros abordando a temática;

A divulgação do programa é essencial para seu sucesso, sendo assim, diversos recursos vem sendo utilizado, visando atingir o maior número de pessoas. Esses recursos abrangem a internet, faixas, panfletos, entrevistas, divulgação na mídia interna e externa e outros;

- Programa de auditório organizado pelo Curso de Comunicação Social e Jornalismo
- Participação nas campanhas preventivas, “Dia Nacional de Combate as Drogas”, 26 de junho, promovida pela Secretaria Nacional Anti-Drogas – SENAD e “Dia de Alerta Nacional contra o Abuso de Álcool e Drogas nas Universidades, previsto para o dia 22 de setembro do corrente ano”.

Conclusões

A educação não tem na terapia o seu principal papel, entretanto a prevenção e de total responsabilidade e associada à família e aos diversos segmentos da sociedade.

E essa prevenção deve ir além das informações, ela deve estar acompanhada de ações educativas abrangentes, visando ao bem-estar individual, familiar e social, tendo como meta principal à promoção da qualidade de vida. Mas essa prevenção deverá estar comprometida com o contexto social, econômico e cultural do público-alvo, portanto o seu planejamento deverá ser participativo: escola, família e comunidade.

E ainda, um programa preventivo ao uso abusivo de drogas deve estar pautado no conhecimento científico, divulgando informações claras e corretas e desprovidos de preconceito.

Os resultados apresentados pela pesquisa revelam que a droga entre os estudantes entrevistados é uma realidade e o contato desses jovens com os agentes que a induzem é praticamente inevitável, portanto a única maneira de não deixar a situação se agravar é a prevenção como princípio básico, desenvolvendo nestes alunos valores, atitudes e habilidade que lhes permitam se defenderem com a conscientização do conhecimento adquirido e do auto-respeito pela vida.

Sendo assim o programa preventivo desenhado por uma instituição de ensino não deve pautar no combate ou erradicação das drogas e sim em ações que promovam o envolvimento da consciência crítica da busca efetiva da promoção da saúde e conseqüentemente da qualidade de vida.

Para que essa premissa atinja a população alvo, é preciso que as mensagens e as formas de intervenção sejam múltiplas, complementares e contínuas, embora sendo a meta final a mesma - prevenir o uso das drogas.

Os efeitos do uso abusivo das drogas sejam elas consideradas lícitas ou ilícitas, trazem prejuízos imensuráveis para a sociedade. Os gestores da educação precisam urgentemente apropriar-se de conhecimento e coragem para enfrentar esta realidade, pois o problema não é apenas de quem usa ou de seus familiares, o problema é todos e, principalmente, de quem tem nas mãos uma população tão propensa à utilização indevida de substâncias tão maléficas ao organismo, à sociedade, ao viver com dignidade.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, A.G.; BASSIT, A.Z. Avaliação de programas de prevenção de drogas. São Paulo: CREA- IPq – HC – FMUSP, 1995.
- ARATANGY, Lúcia R. Doces Venenos. 10ª edição São Paulo –SP: Editora Olhos D’água, 1999.
- ARNT, Ricardo. Flagelo Corporativo. Exame - Revista Econômica, (2001, 27 de junho) pp.42-52.
- CARLINE, E.A; GALDARÓZ, J.C.F; NOTO, A.R; NAPPO, S.A. I Levantamento Domiciliar sobre o uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: Estudo Envolvendo as 107 Maiores Cidades do País – 2001. CEBRID – Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas, UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2002.

GOLUB, A. & JOHNSON, B.D. 2001. Variation in youthful risks of progression from alcohol and tobacco to marijuana and to hard drugs across generations. *Journal of Studies on Alcohol*. vol. 61, pp. 799-808.

GUO, J., COLLINS, L.M., HILL, K.G. et al.. Developmental pathways to alcohol abuse and dependence in young adulthood. *American Journal of Public Health*.vol. 91, n.º 2, pp. 225-332. 2000

HOSPITAL SÍRIO LIBANES – SP Disponível em: <http://www.diganaoasdrogas.com.br/artigo019.asp> Acessado: 10/06/04

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Programa de Saúde Mental. Coordenação Geral Documentação e Informações. Brasília, 2000.

SECRETARIA NACIONAL ANTIDROGAS . Fórum no Rio discute como substituir drogas por esporte, 03/04/2002. *Tribuna de Imprensa*. Disponível em: http://www.senad.gov.br/noticias_29.htm. Acessado em 20/05/04

TANAKA, A.S; ANDRADE, A. G. In: *Formação de Multiplicadores de Informações Preventivas sobre Drogas. Trabalhando com prevenção na comunidade ou na instituição*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.